

# A SALA DE AULA INVERTIDA

***O fim da hegemonia da aula expositiva no ensino superior***



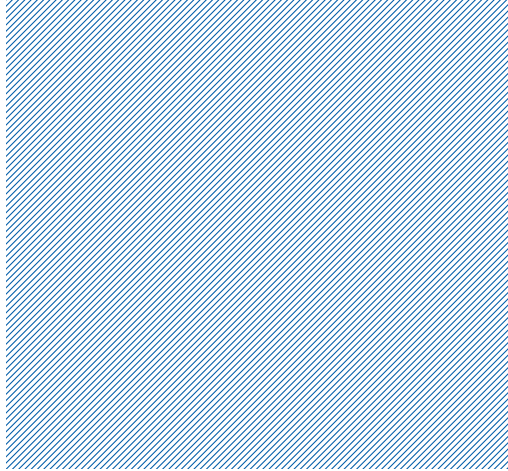
**Gustavo Hoffmann**  
Diretor acadêmico e de EaD do Grupo Singular Educacional, que possui cinco instituições de ensino em Minas Gerais e uma fábrica de soluções digitais de aprendizagem com o Grupo A Educação



©CEFFucher/Stockphoto

**H**á cerca de três anos, eu estava participando de um seminário de inovação educacional na Universidade Harvard e ouvi de um professor que a aula expositiva seria extinta em muito pouco tempo. Foi a primeira vez que ouvi a expressão *Peer Instruction*, em uma aula ministrada pelo seu próprio criador, o professor Eric Mazur. A partir daí, comecei a estudar as metodologias ativas de aprendizagem, como Problem Based Learning, Project Based Learning, Team Based Learning, o próprio Peer Instruction, entre outras, que me levaram a entender por que o modelo tradicional de ensino está falido.

No modelo tradicional, em que o professor faz o papel de sábio no palco (*sage on the stage*), e os alunos são agentes passivos do processo, um mesmo ritmo de ensino é imposto para todos, desrespeitando as individualidades inerentes ao processo de aprendizagem. Em outras palavras, estamos ensinando de uma forma que os alunos não aprendem. Acabam aprendendo algo, dada a enorme carga horária à qual são submetidos nas suas graduações, mas, definitivamente, o modelo tradicional não é o mais eficiente quando se trata de aprendizagem.



A proposta das metodologias ativas defende que o próprio aluno seja responsável pela busca e construção do conhecimento, através de atividades que partam de situações-problema em que o conteúdo é apenas uma ferramenta que será utilizada como parte da solução.

Assim, as aulas presenciais são utilizadas para a resolução de problemas, e o acesso ao conteúdo é feito em qualquer lugar, a qualquer tempo, quantas vezes o aluno quiser ou precisar. Esse conteúdo pode ser organizado e disponibilizado em ambientes virtuais de aprendizagem no formato de videoaulas, *podcasts*, textos, games e outros objetos de aprendizagem que facilitam o processo educacional e respeitam o ritmo de cada indivíduo. Ou seja, a aula (acesso ao conteúdo) acontece fora da sala de aula, e a lição de casa (resolução de problemas) acontece na escola. Por isso a expressão *sala de aula invertida*, ou *flipped classroom*.

Uma das premissas para o êxito das metodologias ativas e da sala de aula invertida é que o aluno tenha algum tempo para acessar o conteúdo previamente. Um dos problemas da aplicação dessas metodologias no Brasil é que o aluno, com raras exceções, não dispõe de muito tempo nos horários extraclasse para acessar o conteúdo. Boa parte da solução está na utilização da oferta de até 20% da carga horária dos cursos superiores presenciais na modalidade a distância. Assim, os alunos passam a contar com janelas, nos seus horários de aula, que podem ser utilizadas para o acesso ao conteúdo, enquanto os momentos presenciais, menos frequentes, são utilizados para a aplicação de metodologias ativas.

Algumas instituições brasileiras já estão fazendo isso muito bem. Recentemente, foi criado no Brasil um consórcio formado por 22 instituições de ensino superior, que contratou a Laspau (afiliada à Universidade Harvard) para a capacitação de mais de cem professores, que serão multiplicadores das metodologias ativas de aprendizagem. Hoje, no nosso grupo educacional, que faz parte do consórcio, mais de 50% dos alunos presenciais já são submetidos à inversão da sala de aula em alguma disciplina da graduação, respeitando o limite de 20% da carga horária possível de ser ofertada na modalidade EaD, e os resultados são animadores.

Comparando com o modelo tradicional, os alunos submetidos às metodologias ativas alcançaram uma performance de aprendizagem até 21% superior, com mais de 90% de satisfação e uma redução de custos operacionais de até 72%. Ou seja, encontramos um modelo mais eficiente, em que o aluno aprende mais, está mais satisfeito e que ainda gera um *saving* importante para a instituição. Agora, queremos replicar esse modelo na nossa plataforma de EaD, que está em processo de credenciamento no MEC.

Para nós, não faz o menor sentido que o aluno vá até um polo presencial para ter aulas presenciais tradicionais com tutores, muito menos que utilize os polos para assistir a videoaulas ou a teleaulas. No nosso modelo, os momentos presenciais nos polos serão utilizados para a solução de problemas, aplicando as metodologias ativas de aprendizagem. Acreditamos que o formato da EaD no Brasil oferece uma condição ideal para a aplicação do conceito de sala de aula invertida.

O ensino superior brasileiro precisa se reinventar. Estamos adotando o mesmo modelo há mais de cem anos, mesmo sabendo que ele não funciona. Já temos tecnologia, já temos metodologia e já temos resultados que comprovam que é possível fazer diferente. O que ainda nos falta é iniciativa. ■

[gustavo@gheducacional.com.br](mailto:gustavo@gheducacional.com.br)